

Notas Históricas sobre Ponte de Lima

por Adelino Tito de Morais *

Noite de Natal de 1980.

Na antiquíssima Matriz limiana, terminara há momentos a tradicional «Missa do Galo». À saída, concubina-se um bocado, trocam-se umas impressões ligeiras, recordam-se velhas amizades espalhadas pelo País...

Frio intenso, digamos «de rachar», nevoeiro, etc.

Após isto, todos regressam aos seus lares.

O relógio da torre, bate a uma hora da madrugada.

Mais uma ceia natalícia ou «ajuntamento da família dispersa» passou.

Chegamos a casa, ao alto do velho bairro do Pinheiro.

Tudo dorme, no caminho não se via viv'alma na rua.

Não temos sono, pois levantamo-nos tarde.

Resolvemos ficar pela livraria, manuseando alguns alfarrábios...

O tempo decorre, o novo dia se aproxima.

Do campo bibliográfico mudamos para o arquivístico.

Folheamos os verbetes do arquivo, relembramos apontamentos interessantes, alguns colhidos há um, dois anos...

Assim nos lembramos de esboçar umas nótulas para esta revista.

Aqui vão elas, julgamo-las convenientes aos leitores.

São poucas, pois era quase dia, e a cama por nós chamou.

I

SOBRE O BACALHAU...

Atravessamos a quadra natalícia, onde não pode faltar o habitual «fiel amigo», o elemento fundamental da ementa do jantar.

No século XVIII, era ele abundante, pelo que havia certas normas a cumprir, como se deduz dos apontamentos seguintes:

As bacolhoeiras de Darque (Viana), tinham por obrigação, vender na nossa Vila, ou no dia de feira quinzenal ou no imediato, todo o bacalhau, que da zona de Viana vinha para estes lados.

Não podiam levar de volta nenhum peixe. (¹)

Bons tempos, esses do Marquês de Pombal!

Os preços em 1747 (²) eram:

— 1 arrátel de bacalhau (correspondente a 480 gramas actuais) — 45 réis.

— 1 quartilho de azeite 55 réis.

— 1 arrátel de carne 28 réis.

Embora não se coadune com o assunto em epígrafe, mas como curiosidade, incluímos estes ingredientes.

II

RUA DE VASCO DA GAMA

Todos nós conhecêmo-la sempre por Rua do Arrabalde, mas o certo é que nos finais do século passado foi crismada com o nome do grande navegador quatrocentista, Vasco da Gama.

A origem desta alteração, deveu-se à nossa Edilidade desejar associar-se à Comemoração dos 400 anos da viagem que esse grande português havia executado, a bordo de uma nau; foi a descoberta do caminho marítimo para a Índia.

«A Comissão do centenário da descoberta do Caminho Marítimo para a Índia, pedindo à Câmara para se associar às comemorações de tal acontecimento, que promovesse demonstrações festivas nesta localidade; a Câmara não se representou nos festejos em Lisboa, devido a condições económicas, limitando-se a festas nesta Vila de 17 a 20 de Maio, consagrados a tal acontecimento. As manifestações que são de uso aqui em dia de gala, que constam de iluminação nos Paços do Concelho e convidar os moradores da Vila a adornar e iluminar nesses dias as fachadas das suas casas, e promover qualquer manifestações de regozijo público — deliberando dar à Rua de S. João [de Fóra] o nome de RUA VASCO DA GAMA, em memória aquele glorioso feito histórico».

Sessão ordinária de 23 de Abril de 1898. (³)

Foi este nome que perdurou, até que na reunião camarária de 11 de Agosto de 1975, presidida pelo sr. dr. João Pinto de Araújo Pimenta, a toponímia regressou ao seu secular nome.

III

ÁGUA E LUZ DA MADALENA

Aquela estância que se situa no antigo «*Monte das Santas*», nas freguesias de S. Mamede de Arca e S. Vicente de Fornelos, mereceu sempre de munícipes limianos, um carinho especial.

Pelo panorama encantador que de lá se desfruta, o ar puro, os pic-nics, passeios, etc., levam muitos a subirem lá acima.

O primitivo motor que abastecia o local de água e luz (adquirido por uma comissão de bairristas, por volta de 1930), há muito que estava acabado.

Foi assim, que na sessão de 20 de Julho de 1953, sob a presidência do dr. Filinto de Moraes (fal. em 29-1-60), se aprovou a compra de um novo motor para tal fim. ⁽⁴⁾

Não colhemos mais nenhuma notícia sobre o caso no referido livro, mas conseguimos apurar em tempos, que o motor fôra adquirido no Porto, e trabalhou até há uns anos atrás.

O dr. Filinto, votou sempre interesse ao local, pois além de umas obras na capela, instituiu as festas anuais à padroeira, e mantinha os jardins limpos.

Foi ele também, que pôs a descoberto a estação castreja junto da estrada nacional, cuja placa indicativa ao turista, em tempos desapareceu...

IV

UMA CHEIA DE HÁ 100 ANOS

O nosso Rio Lima, é notório pelas suas cheias periódicas.

Algumas delas, ultrapassam todas as previsões possíveis, causando elevadíssimos prejuízos a muitos proprietários de casas comerciais e lavradores.

Vejamos o apontamento de uma, de que se completaram 100 anos em Fevereiro passado. ⁽⁵⁾

«Grande cheia que cortou o trânsito na ponte, durante dias e inundou grande parte da Vila, chegando a quatro metros de altura no Passeio de D. Fernando (actual 25 de Abril), invadindo as Ruas do Souto, Abadia, etc..

Também destruiu grande quantidade de latadas, e alguns amparos da ponte. ⁽⁶⁾

V

TEMPORAL EM 1876

Ao folhear o mesmo periódico, ⁽⁷⁾ colhemos uma interessante notícia, sobre o rigoroso inverno no longínquo ano de 1876.

É do teor seguinte tal escrito:

«A quadra invernosa foi muito forte; o rio Lima, por três vezes invadiu a parte baixa da Vila, sendo a de domingo último, a mais notável, porque esteve quase a igualar a imponente invasão de 1868.

Não há notícia de grandes estragos no concelho, a avaliar pelo temporal que tem feito e, apenas nos consta que algumas chaminés e clarabóias têm sido mais ou menos danificadas, árvores arrancadas,

diversos muros derrocados, e alguns pontelhões de madeira destruídos pelo volume e corrente das águas.

Na enchente de domingo último, foram derrubados pela enchente, os amparos da ponte junto da igreja de S. António da Torre Velha, mas numa extensão bastante grande.

Junto da capela de N.^a Sr.^a do Rosário, (⁸) era de horrorizar a força com que as águas passavam pelo arco mais próximo. (⁹)

Como concluimos, a impetuosidade das águas era muito forte, senão veja-se os estragos causados na secular ponte granítica.

Outras enchentes se seguiram, sendo a mais famosa, dentre as deste século, a que ocorreu a 22 de Dezembro de 1909. (¹⁰)

VI

UM VIDREIRO NO SÉCULO XVII

A indústria do vidro em Portugal, ainda não foi alvo de um estudo rigoroso.

Trata-se de uma lacuna na bibliografia nacional.

Poucos foram os que disseram algo sobre esta arte, mui antiga como todas as outras.

Enciclopédias e dicionários, são assiduamente o local onde «à priori», os novos vão colher apontamentos, ou desvendar dúvidas sobre determinado assunto.

Mas, é sabido por muitos que se dedicam ao estudo da história e da arte, que o uso de vidraças em Portugal é já apontado nos finais do século XVI, penetrando pelo XVII.

Iluminuras e telas antigas, são alguns desses testemunhos, que o comprovam. (¹¹)

Só com a governança do Marquês de Pombal, a indústria do vidro foi incentivada e remodelada, criando novas fábricas ou aperfeiçoando outras.

A partir dessa data, ficaram famosas a região da Marinha Grande e outras no norte do País.

Em Ponte de Lima, é precisamente na década de 1740-50, que muitas irmandades, abriram frestas e colocaram esse elemento, que permite a passagem da luz solar, de modo a iluminar esse compartimento ou local. (¹²)

O curioso, é que um século antes, já residia na Vila, um artista que fabricava (?) e encarregava-se da sua colocação.

A notícia de tal achado, descobrimo-la num códice do arquivo da Misericórdia local.

No mês de Outubro, havia manuseado e lido integralmente o mais antigo livro de óbitos lá guardado (1622-42), tirando elementos necrológicos para o trabalho das casas antigas que a Edilidade mandara

executar, iniciado em Setembro de 1979, com outros amigos. Ao arrolar as profissões dos falecidos, surgiu-nos a única no género, «vidreiro», o que nos causou estranheza.

Consta do seguinte, tal nota:

À margem — «M.^a Frz».

Texto

— «Aos. 2. de Junho De 1641 sepultou esta Jr/mandade e Maria frz veuua q ficou de joã/alz Vidr^o q fojno pinhr^o (13) jrmão qfojdesta/Miã Veo o Corpo de Viana.

Como se depreende do que acabamos de transcrever, trata-se do óbito de sua mulher, Maria Fernandes, falecida em Viana do Castelo, para onde se mudara, decerto depois de enviúvar.

Como o tempo não chegou, e tal verbete só há pouco veio ao de cima, não foi possível consultar documentos dessa época dos arquivos das irmandades da Misericórdia e Espírito Santo (Igreja Matriz), de modo a esclarecer-se a sua vocação vidreira foi marcada em terras limianas, donde deveria ser oriundo.

De momento, apenas fica aqui registada a zelosa nota.

VII

PROFISSÕES NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVI

Ao vasculhar os mais antigos livros do registo civil de Ponte de Lima, depositados há dezenas de anos no Arquivo Distrital de Braga, achei curiosa a referência aos mais diversos tipos de actividade profissional, então praticados na Vila (freg.^a que consultei).

O mais antigo de todos, de carácter «Misto», abrange a época 1568-96; contido numa velha encadernação de pergaminho, danificada pelo muito uso que teve, é um precioso documento para a história local.

A resenha que seguidamente transcrevemos, abrange só até 1590, pois ainda não houve ocasião para completar o trabalho; mas, a maior parte dos nomes (padrinhos, pais, etc.), começa a ser repetida, e portanto simultaneamente o seu ofício.

Começamos por arrolar por ordem cronológica e alfabética, como forma mais adequada de apresentá-los ao leitor.

ALFAIATES

Ano de 1581

Jerónimo Roiz

1582

Domingos Gonçalves

1583

Brás Roiz

António Roiz, morador em

Meirin (14)

ALCAIDE

1588

Francisco de Araújo (15)

ABADES

1590

Diogo Pereira, de S. João da

Ribeira

BARBEIROS	ESTALAJADEIROS
1581	1588
Baltazar Alvares	Jerónimo Alvares
1582	1590
Bastião Gonçalves ⁽¹⁶⁾	Francisco Gonçalves — da porta
1588	da ponte ⁽²³⁾
Bartolomeu Lopes	FERREIROS
CALEIROS ⁽¹⁷⁾	1583
1581	Baltazar Lopes
António Pires	FERRADORES
CARPINTEIROS	1588
1581	António Martins
Gaspar Fernandes	LICENCIADOS [hoje doutores,
CARRETEIRO ⁽¹⁸⁾	advogados]
1583	1582
Gaspar Gonçalves	Manuel Lopes
CRIADOS	1583
1586	Baltazar Ferraz
António Roíz	1589
CALEIROS	...Benevides ⁽²⁴⁾
1588	MERCADORES
Domingos Pires	1581
Gonçalo Fernandes	Gaspar Alvares
Tomé Alvares	1590
CRIADAS	António Araújo
1590	Domingos Gonçalves
Isabel Gonçalves, criada de Si-	Maria Fernandes
mão damorín ⁽¹⁹⁾	PICHELEIROS
CARNICEIROS	1581
1590	Baltazar Lopes — (A sua activida-
Gonçalo Fernandes	de é referida ainda em 1583)
CASEREIROS ⁽²⁰⁾	PORTEIROS
1590	1582
Francisco Gonçalves	Jerónimo Lopes
CELEIROS ⁽²¹⁾	PEDREIROS
1590	1588
Manuel Henriques	Pedro Alvares
ESCRIVÃES	PINTORES
1582	1590
Gaspar de Morin, escrivão da cor-	Manuel Ribeiro
reição ⁽²²⁾	REGATEIRAS
	1586
	Maria Antunes

SOMBREIREIROS [hoje chapeleiros]

1581

Bastião Francisco ⁽²⁵⁾

Domingos Gonçalves

SAPATEIROS

1581

Jerónimo Francisco

1582

Francisco Gonçalves

Gaspar Lopes — morador no Pinheiro

Rodrigo Álvaro

1583

António Álvares

António Dias

1585

Tomás Alvares Afonso

1588

Gonçalo Pires — morador no Pinheiro

1589

Bento Gonçalves

1590

Francisco Gonçalves — morador no Arrabalde de S. João ⁽²⁶⁾

Gaspar Álvares — morador no Pinheiro

Gaspar Lopes

Paulo Álvares

TABELIÃES

1588

Jerónimo de Brito

1590

Jerónimo da Rocha

TENDEIROS

1590

Baltazar Gonçalves

SERRALHEIROS

1585

Francisco Álvares — (Referido ainda no ano de 1586)

SURRADORES

1588

António Francisco

1590

Gaspar Gonçalves

Supomos ser os primeiros a referir os ofícios praticados na capital da Ribeira Lima, chamemos-lhe assim, há quatro séculos atrás.

O trabalho ainda não o damos por completo, pois outros documentos avultam em arquivos particulares, ou até públicos.

Foi o caso da Irmandade do Espírito Santo, a mais antiga erecta na Matriz.

Para outra altura ficarão, ou outros caso desejem, podem completar a lista.

VIII

O 1.º ALMANAQUE PUBLICADO EM PONTE DE LIMA

São famosos por todo o País fora, os «Almanaques de Ponte de Lima», inicialmente publicados pela redacção dum periódico local «*O Commercio do Lima*» ⁽²⁷⁾.

Contém essa colecção, composta de oito volumes (1907-33), artigos ou trabalhos de natureza histórica, genealógica, heráldica, antropológica, bibliográfica, biográfica, etc., etc.

Ilustram esses milhares de páginas, gravuras, algumas delas deli-

1891

ALMANACH DO LIMA

I Anno

*Illustrado com o retrato
e biographia do illustre
EXTINCTO*

Dr. Antonio de Magalhães



Typographia União
—
Ponte do Lima



neadas a partir de postais da época, que hoje já constituem antiguidade, e procura nos alfarrabistas.

Enumerem-se distintas penas que lá inseriram estudos como: J. Leite de Vasconcelos, Carolina Michaelis, Raúl Brandão, Júlio Dantas, Alberto Pimentel, João Paulo Freire (Mário), António Baião, Pedro de Azevedo, Teixeira de Pascoais, etc., etc.

Não incluímos na resenha, aquelas de âmbito regional, a quase totalidade oriundas de Ponte de Lima: Feijó e seu sobrinho, Salvato, Condes d'Aurora e Bertandos, Figueiredo da Guerra, Cláudio Basto, Felix Alves Pereira, Padre Cunha Brito, Júlio de Lemos, António de Magalhães, Alvaro Pimenta da Gama, João Gomes d'Abreu, Padre Araújo Calheiros, Conselheiro Queirós Ribeiro, Tenente Coronel Cunha Brandão, Conselheiro Pinto Osório, etc., etc.

Para complemento dessa obra, o pelouro da cultura do Município Pontelicense, lançou nas «Feiras Novas» de 1979, um outro tomo, correspondente a 1980.

Mas, a ideia de Almanaque, entre os Limianos, já vem desde o século passado; não foi no presente, como muitos julgam, pois a ideia concretizou-se no ano de 1891.

Com efeito, nessa data, o estabelecimento comercial de José Maria da Gama, denominado «Casa Limarense», com instalações na rua do Souto, dava a público o — ALMANACH DO LIMA para 1891 — 1.º ano da sua publicação.

Trata-se dum volume de mancha 7×10,5 cm e 128 pp., divididas do seguinte modo:

Commercio, artes e indústria — até à pp. 60.

Secção literária — (Contos, poesias, etc) — da pp. 61-105.

Passatempo — Da pp. 106-8. (Para preenchimento de espaço, nesta última insere ainda a poesia «LOGOGRIPO», datada de Monsão, [18] 90).

Annuncios — Da pp. 109 ao fim.

É uma espécime bibliográfica da mais extrema raridade, e conhecemos apenas quatro exemplares, na mão de amigos.

O exemplar que possuímos foi dádiva do amigo, sr. José M. Oliveira Pimenta, que possui um outro, que pertenceu ao saudoso bibliófilo dr. Filinto de Moraes ⁽²⁸⁾.

No catálogo do leilão da sua livraria (Porto, 1963), é apontado como «Muito Raro» ⁽²⁹⁾.

Por isso mesmo, resolvemos compilar segundo método onomástico, os escritos lá exarados, alguns de exuberantes mestres (Teófilo Braga e António Feijó), para conhecimento dos amantes da literatura limiana ou do Alto-Minho.

A publicação desta obra, foi consagrada à memória do dr. António de Magalhães Barros de Araújo Queirós, que Deus levara três anos antes.

Numa fotografia colada num cartão, admira-se o perfil do homena-

geado, que havia nascido na Quinta de Crestes, freguesia de S. Salvador do Campo, do concelho de Barcelos, em 12 de Fevereiro de 1838.

ANÓNIMO — «*Opiniões acerca da mulher* — (Por um empregado do correio)», pp. 72.

ANÓNIMO — «*O 19 dos B. Voluntários*», pp. 86-7. (Assinado por «O n.º 9», dos Bombeiros Voluntários).

ANÓNIMO — «*Anedota Oriental — O Throno*», pp. 97.

BOTELHO, Alfredo Mâncio Rosa ⁽³⁰⁾ — «*Creancice*», pp. 82-4.

BOTELHO, Alfredo... — «*Descrente*», pp. 90.

BOTELHO, Alfredo... — «*Charitas*», pp. 93-5.

BRAGA, Teófilo — «*O Cego e o Moço*» — (*História Popular*), pp. 70-1).

COELHO, Marianna — «*Scena Vulgar*», pp. 66-8.

COUTINHO, Azevedo — «*Divagando*», pp. 74.

CUNHA, R. Leite da — «*Aquarella*», pp. 96.

FARIA, Severino de — «*Visita ao Cemitério*», ⁽³¹⁾, pp. 68-9. (Publicado sob o pseudónimo de «Jeverino de Faria Junior»).

FEIJO, António — «*A uma mulher formosa*», pp. 65.

FEIJO, António — «*Rosa Branca*», pp. 103.

FIUZA, M[anuel]. — «*Tu es seul beauté*», pp. 77-8.

GUIMARÃES, Delfim — «*Recuerdo*», pp. 71-2. (Simplesmente assinada «Delfim de Brito»).

GUIMARÃES, João Afonso da Cunha — «*O Meu Sonho*» — pp. 73.

GUIMARÃES, João Afonso da Cunha — «*Resplendores*», pp. 89.

NEGRO, Príncipe — «*Juizo do Ano*», pp. 62-4.

NOVAES, Vicente — «*Noute (sic) de Natal*», pp. 88.

PIMENTA, Manoel — «*Canto do Velho*» — Tradução, pp. 81-2.

PIMENTA, Manoel — «*Bombeiros*», pp. 101-2.

PIRES, Marcello — «*História Singella*», pp. 79-81.

PIRES, Marcello — «*Anceio*», pp. 95.

PURO (?) — «*9 de Fevereiro de 90 — (A ellas)*», pp. 91.

RIBEIRO, Queirós — «*Morta*», pp. 100.

ROCHA, Henrique Vasconcelos da — «*Tu és Maria*», pp. 85.

SILVA, J. R. da — «*A Tempestade*», pp. 92. (Poesia escrita de Torres Vedras).

TARROZO, Domingos — «*Enquanto passa o cortejo*», pp. 104-5.

IX

A CONFIRMAÇÃO DO FORAL DE D. TERESA EM 1217

Como é sabido, o primeiro foral dado à Vila de Ponte de Lima, data de 4 de Março de 1125, na pessoa da rainha D. Teresa.

Diversos historiadores já se ocuparam desse documento régio, ⁽³²⁾ cujo original desconhece-se o paradeiro.

Recente consulta no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, permitiu obter a cópia heliográfica que reproduzimos, por gentileza do dilecto

amigo dr. António Matos Reis, digno director do Museu Municipal de Viana do Castelo.

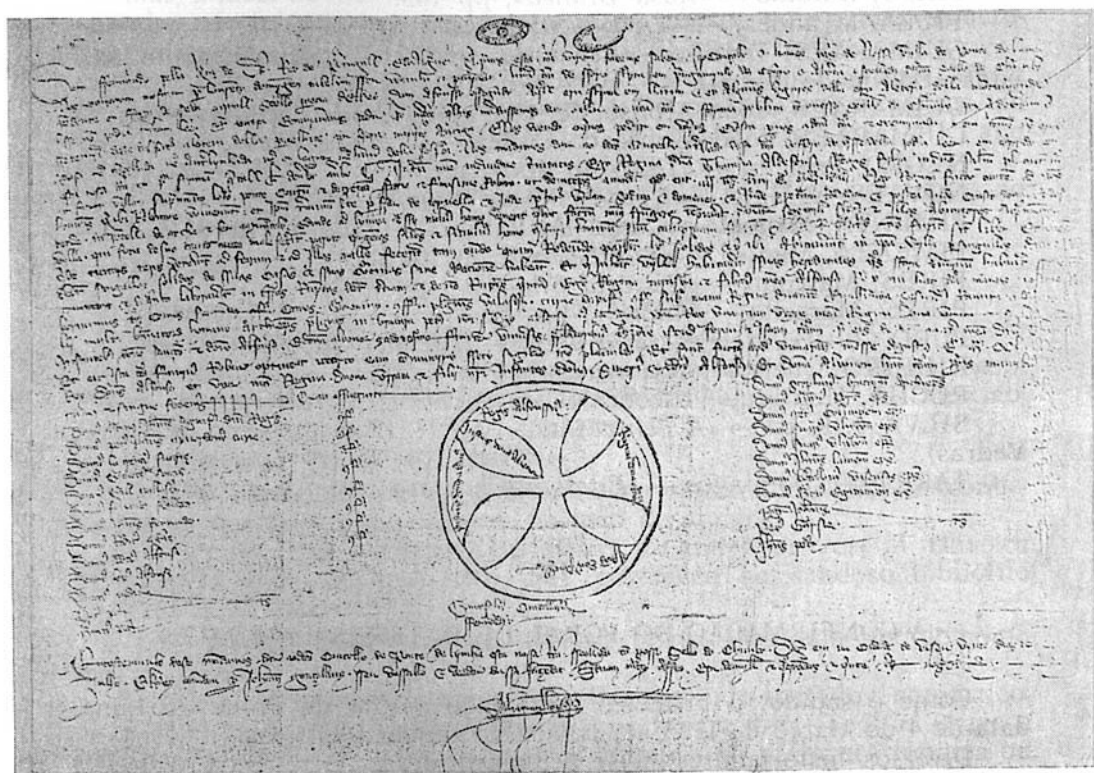
Seguidamente, fazemos a leitura do importante código medieval, baseados na transcrição (com grafia actualizada) que deu Miguel de Lemos em 1887⁽³³⁾.

É de tal teor, a confirmação da carta de foral:

«Eu Afonso II, por graça de Deus Rei de Portugal, juntamente com minha mulher a rainha D. Urraca e nossos filhos os Infantes D. Sancho, D. Afonso e D. Leonor, outorgo e inteiramente confirmo a todos os povoadores de Ponte este foro e esta carta que lhes deu minha avó a Rainha D. Teresa.

E para que a presente carta maior força tenha, a fiz selar com o meu selo de chumbo. E foi feita em Guimarães no mês de Agosto da era de 1255 (ano de Cristo 1217).

Nós El-Rei D. Afonso e minha mulher D. Urraca e nossos filhos os



Infantes D. Sancho, D. Afonso e D. Leonor, firmamos esta carta por nossas mãos e nela estes sinais pusemos + + +»

Foram presentes:

<i>D. Martin Joanes, alferes de El-Rei</i>	Conf.
<i>D. Pedro Joanes, mordomo do Paço</i>	Conf.
<i>D. Lourenço Soares</i>	Conf.
<i>D. Gomes Soares</i>	Conf.
<i>D. Gil Vasques</i>	Conf.
<i>D. Fernão Fernandes</i>	Conf.
<i>D. João Fernandes</i>	Conf.
<i>D. Rui Mendes</i>	Conf.
<i>D. Pôncio Afonso</i>	Conf.
<i>D. Lopo Afonso</i>	Conf.
<i>Vicêncio Mendes</i>	} Testemunhas
<i>Pedro Pires</i>	
<i>Martim Pires</i>	
<i>D. Estevão, Arcebispo de Braga</i>	Conf.
<i>D. Martinho, bispo do Porto</i>	Conf.
<i>D. Pedro, bispo de Coimbra</i>	Conf.
<i>D. Soeiro, bispo de Lisboa</i>	Conf.
<i>D. Soeiro, bispo de Elvas</i>	Conf.
<i>D. Paio, bispo de Lamego</i>	Conf.
<i>D. Bartolomeu, bispo de Viseu</i>	Conf.
<i>D. Martinho, bispo de Idanha</i>	Conf.
<i>Mestre Paio</i>	} Testemunhas
<i>Pedro Garcia</i>	
<i>João Pires</i>	

*Rei Afonso Rainha D. Urraca Infanta D. Leonor Infante D. Sancho
Gonçalo Mendes, Chanceler.*

E assim nos ocupamos de um monumento paleográfico de vasta importância para a história limiana, cuja cópia ou reprodução desejamos oferecer à Câmara local, para repouso dentro do seu importantíssimo rol de pergaminhos (século XIV — XVIII), que constituiu parte do núcleo dos reservados da sua Biblioteca.

Para posteriores leituras de peritos e melhor estudo de outros, enveredamos a nossa singela dádiva, evitando a deslocação à capital.

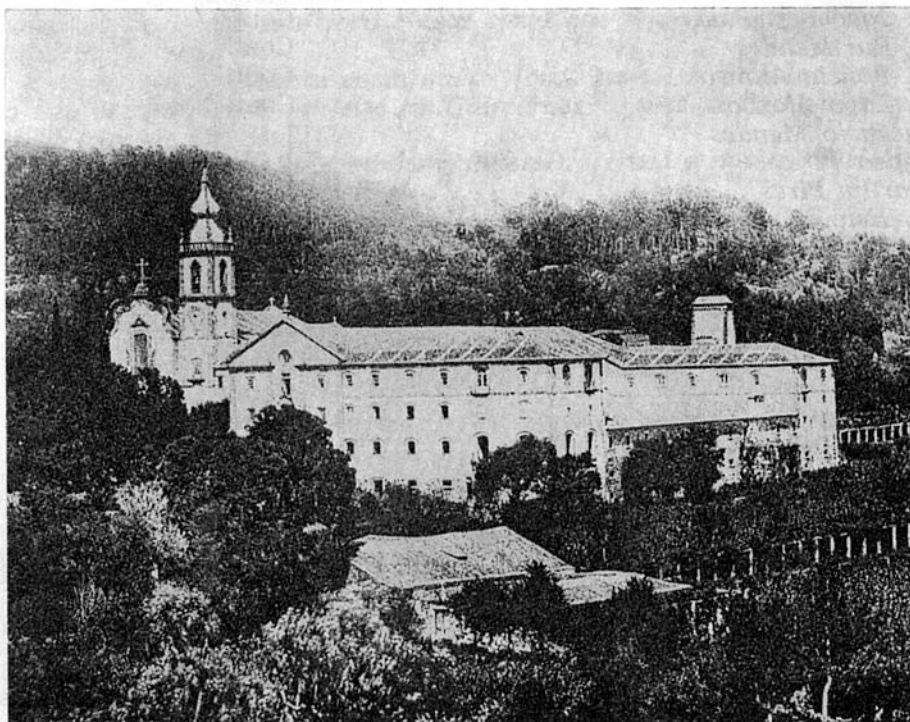
O REFEITÓRIO DE REFÓIOS À DATA DA EXTINÇÃO DO MOSTEIRO

Situada na estrada que desta Vila nos conduz a Arcos de Valdevez, a escassos quilómetros, ergue-se a freguesia de Santa Maria de Refóios do Lima.

Foi «Terra», isto é senhorio do conde D. Mendo, filho de D. Afonso Ancemondes, cavaleiro da corte de D. Henrique, pai do nosso primeiro rei que a história Pátria reza.

Ainda hoje, lá se podem admirar os restos de seu solar, essa vetusta torre, ativa dentre a vegetação e casario aldeão.

Mas, o seu principal monumento, o ex-libris da localidade, é sem dúvida o Mosteiro, tanto pela sua grandiosidade, como pela história que contém, referido nas mais velhas crónicas monásticas ⁽³⁴⁾.



A sua fundação remonta ao ano de 1112, pelo acima citado D. Afonso Ancemondes, tomando oito anos depois conta dele os cônegos regentes de Santo Agostinho (crúzios).

Ao longo dos séculos foi o convento restaurado e aumentado, pelo que o actual edifício denota uma arquitectura dos séculos XVIII e primórdios do XIX.

Restos de época seiscentista também se apresentam ainda hoje, como o chafariz do majestoso claustro, datado de 1683.

O célebre decreto de Joaquim António de Aguiar, «O Mata Frades», alcunha por que ficou conhecido, deu-o por extinto em 1834.

Assim, o Corregedor Interino desta comarca, António José Barbosa Pereira Couceiro Marreca, visitou o imóvel (convento), acompanhado do Juiz de Fôra António Roberto de Araújo e Cunha, com o fim de tomar conhecimento dos bens da Casa; este, através de um ofício enviado em 15 de Junho desse ano à presidência da Edilidade, requereu à mesma, que nomeasse uma comissão de quatro indivíduos, que seriam os Depositários dos Bens do mosteiro.

Compunham o grupo:

— Caetano José Alves, residente no lugar de Penas, freguesia de Refóios.

— António José Alves, *ibidem*.

— João Manuel Fernandes, do lugar de Genço, *idem*.

— João Luís Alves, do lugar de Cartarida, *idem*. ⁽³⁵⁾

A Câmara, em sessão de 18 desse mesmo mês e ano, deu posse do cargo aos mesmos. ⁽³⁶⁾

Logo, no dia 19, o secretário do Município, José Manuel Viana, sob recomendação do Juiz de Fôra, anunciou a venda em hasta pública do recheio do prédio (móveis e outros).

Após esta longa introdução, à laia de preâmbulo, tratemos mais da parte em epígrafe.

Em 22 de Dezembro de 1979, num alfarrabista lisboeta, adquirimos por quantia compatível, um importante manuscrito, cujo título na íntegra é o seguinte:

«*RELAÇÃO DOS BENS ALOdiaes do Extinto Mosteiro de Santa Maria de Refojos do Lima, com designação dos nomes, sua situação, medição, e atombação, estrahida à face do tombo, emais livros do Cartorio deste Mosteiro*». ⁽³⁷⁾

O documento, por nós agrupado, pois encontrava-se disperso pelos outros lotes, compõe-se de 113 pp (numeração nossa, só pela frente), e dentre as várias secções ou capítulos focados, destaque-se: livraria, dormitórios, cartório, casa do forno, hospedaria, etc.

Para o presente trabalho, fizemos a secção do refeitório, acompanhado da presente gravura.

Segue-se a lista dos apetrechos.

— *Hua mesa com gravetas avaliada em cento e saçenta reis.*

— *Dois bancos, hum maior outro mais pequeno avaliados em setenta reis.*

— *Trinta etres goardanapos inferiores de Guimarains* ⁽³⁸⁾ *avaliados em dois mil seis centos e quarenta reis.*

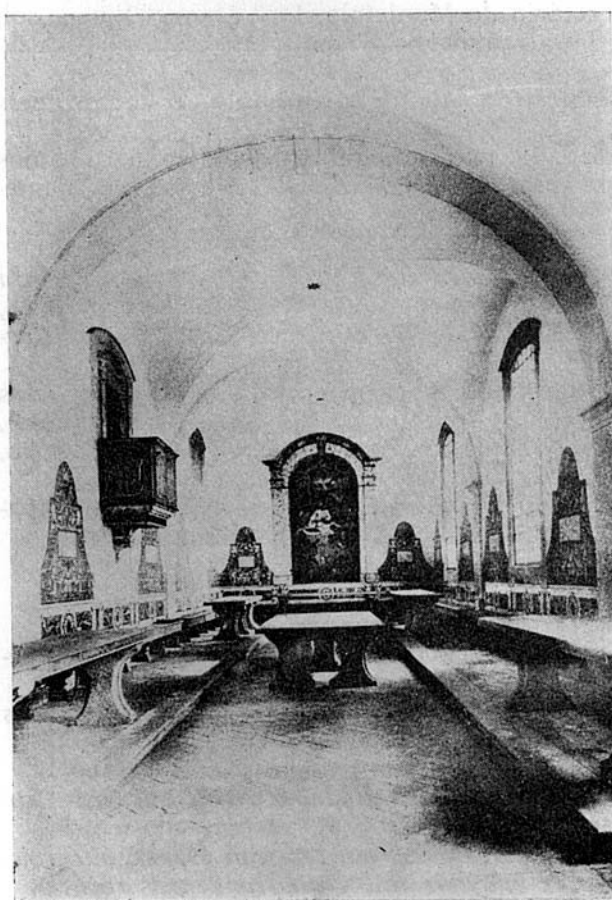
— *Dezoito dittos inferiores avaliados em tresentos esacenta reis.*

— *Toalhas de Mesa grandes, Quatro avaliadas em tres mil Oito Centos e quarenta reis.*

— *Nove dittas mais piquenas avaliadas em tres mil eseis Cento reis.*

— *Sanefas igoais avaliadas em dois mil e quatro centos reis.*

- Dittas mais piquenas, cinco avaliadas em dois mil reis.
- Duas toalhas velhas e hua sanefa avaliada em cento e vinte reis.
- Trabeças de pó de Pedra sortidas, dezaçeis, avaliadas em mil novecentos e vinte.
- Terrinhas de pó de Pedra com tampa, tres avaliadas em quatrocentos e oitenta reis.
- Dittas sem tampa duas, avaliadas em cento e vinte reis.
- Trinta pratos sopeiros depó de Pedra avaliados em seiscentos reis.
- Salseiras grandes de zaceis (sic) avaliadas em cento e Oitenta reis.
- Ditas (sic) piquenas trinta e Cinco avaliadas em Cento e Oitenta reis.
- Quatorze copos de vidro piquenos avaliados em quatrocentos e trinta reis.



O refeitório do extinto Mosteiro de Refóios do Lima, segundo uma fotografia de 1888, do mestre alemão Emílio Biel.

Note-se, que os painéis de azulejos das paredes, bem como a mesa do centro foram retirados por volta de 1920.

- *Dois telheres de Azeite e Vinagre, sendo as galhetas de Vidro eo mais de estanho avaliados em quatro centos e oitenta reis.*
- *Dois dittos quebrados O Estanho a oitenta reis o arratel.*
- *Sette calices de Vidro avaliados em trezentos econcoenta reis.*
- *Dezaseis facas e garfos de Cabo de Asso, avaliadas em sette Centos evinte reis.*
- *Onze colheres de Estanho piquenas avaliadas em oitenta reis o arratel.*
- *Duas dittas desopa avaliadas em Oitenta reis o arratel.*
- *Duas ditas do Arros avaliadas aoitenta reis o arratel.*
- *Seis Almofias avaliadas em quatro centos eoitenta reis.*
- *Seis Garrafas de Vidro preto avaliadas em Cento e oitenta reis.*
- *Tres Canecas de Vidro avaliadas em dusentos esacenta reis.*
- *Dois aventais avaliados em trezentos reis.*

A relação cujo traslado aqui terminamos, regista-se nas pp. 39, idem v.º, e 40.

A grafia utilizada foi a da época, sem qualquer alteração.

E aqui, damos também por terminado este esboço sobre o Património Artístico e documental Pontelimenses, uma das maiores riquezas do Alto-Minho.

* Bolseiro da Direcção Geral da Educação de Adultos, D.G.E.A. em Ponte de Lima e Animador Cultural do G.E.I.C.E., Associação Científico-Cultural, com sede na Vila de Ponte de Lima.

Ponte de Lima e Torre da Cadeia Velha — Dezembro 80/Junho 81.

NOTAS

(¹) — Cfr: Arquivo Municipal de Ponte de Lima — «**Livro de Vereações 1745-9**», fls. 63 e seguintes.

(²) — Ibidem, fls. 94 e seguintes e fls. 135.

(³) — Idem, «**Livro de Vereações, 1896-8**», fls. 149.

(⁴) — Idem, «**Livro de Vereações 1953**», fls. 141 v.º.

(⁵) — Note-se que actualizamos a grafia do texto.

Aproveitamos a ocasião para referir, que sobre cheias do Lima, existe um curioso artigo de:

ABREU, João Gomes d' — «**As Grandes Cheias no rio Lima**», in «**Anuário do Distrito de Viana do Castelo**», volume I (e único publicado), pp. 66-7. Viana do Castelo, 1932.

(⁶) — Vide o jornal da época:

«**O Commercio do Lima**», n.º 221, Ponte de Lima, 19 de Fevereiro de 1880.

Teve este periódico início em 1 de Dezembro de 1875, e terminou com o n.º 292, do 6.º ano, saído em 1 de Julho de 1881. (Miguel de Lemos, **Anais Municipais de Ponte de Lima**, pp. 157, 2.ª ed. P. de L. 1977).

Foi seu editor responsável, José Baptista Pires de Lima, e dentre os colaboradores realçamos: Miguel de Lemos, António Feijó (com o pseudónimo de Ângelo Fovín, e outras poesias simplesmente assinadas A. F.).

Publicou ainda transcrições de artigos de outros jornais de mestres das letras: Rebelo da Silva, Emílio Castelar, CAMILO, Maria Amália Vaz de Carvalho, Mendes Leal, etc.

A única colecção que conheço, onde colhemos o apontamento sobre o temporal, existe na Biblioteca Municipal de Ponte de Lima.

Lá existe até ao número 209, de 26 de Novembro de 1879, agrupado em 4 vols.

(⁷) — Vide o mesmo semanário, n.º 54, do 1.º ano. Ponte de Lima, 6 de Dezembro de 1876.

Este jornal, pertencia à facção progressista, que contava dentre as suas fileiras, Tomás Mendes Norton, comendador de N.ª Sr.ª de Vila Viciosa, proprietário do Mosteiro de Refóios do Lima, e pai do célebre político e militar, General Norton de Matos (1867-1955).

(⁸) — Esta ermida, levantava-se no local hoje ocupado pelo edifício que em 1903, Alfredo Sousa Machado mandou construir para sua residência.

A sua fundação remontava ao século XV, segundo documentos que Miguel de Lemos compulsoou na Casa da Fernandinha, da família Menezes, no século passado.

O templo, à data da altura, apresentava a reconstrução de que foi alvo nos séculos XVII-XVIII; dessa época datavam os azulejos, que hoje ornamentam o claustro do Instituto Limiano — Museu dos Terceiros, bem como o interior da Igreja de N.ª Sr.ª da Guia.

Segundo apuramos em tempos, alguns foram parar à Quinta do Bustelinho ou de S. Bento, na freguesia de Arca deste concelho (Vide o artigo «Apontamentos... Os Azulejos da Quinta do Bustelinho», in LIMÍADA, Rodapé de «O Povo do Lima», n.º 8. Ponte de Lima, 16 de Fevereiro de 1981).

Uma gravura da ermidinha, pode admirar-se no «**Almanaque de Ponte de Lima** 1907», pp. 153.

Existe também um postal dos inícios do século (1905-6), de que conheço apenas um exemplar, na posse da sr.ª D. Carolina Guimarães.

(⁹) — Este arco foi aterrado, juntamente com o seguinte, aquando das últimas obras de grande envergadura, levadas a cabo em 1929-31.

Conhecemos uma fotografia, propriedade do sr. dr. João Vieira Lisboa, onde se pode admirar estes arcos, e junto com eles o actual prédio da «Livraria Guimarães».

No primeiro dos arcos, engravada na face voltada para o Passeio, encontrava-se a lápide de D. Pedro I, comemorativa da construção da ponte medieval.

Ladeavam-na os anjos turiferários, que Miguel de Lemos erradamente denominou de «irmãos Malheiros», célebres aquando da tomada da Vila por D. João I aos Castelhães, como nos diz Fernão Lopes, na sua crónica do monarca.

Estas pedras históricas, estiveram até 1979, no pátio da Misericórdia.

Os anjos foram colocados na grade debaixo da escada do tribunal, juntamente com outros monumentos epigráficos, à revelia de cães, etc.

Por nosso alerta ao então e actual presidente do Município, sr. dr. João Abreu Lima, foram transportadas para o Museu dos Terceiros, a título de depósito, aguardando um museu da Edilidade, que pensa-se venha a ser na «**Casa Dos Da Garrida**».

A outra, enorme cartela, continua no pátio, devido à sua vasta dimensão, que ocupa, aguardando o local eterno.

(¹⁰) — Na Torre da Expectação ou de S. Paulo, ou ainda do Postigo, outrora uma das que pertencia à muralha, foi colocada uma inscrição comemorativa.

Realmente, a cheia foi enorme, tendo o nível da água ultrapassado o 1.º andar das casas.

Ainda hoje, pessoas idosas nos relatam o que foi essa tragédia.

(¹¹) — Sobre este assunto vide o trabalho de:

CASTELO — BRANCO, Fernando — «**Subsídios para o Estudo da Casa Portuguesa — O uso de Vidraças nos séculos XVI e XVII**», in «**BELAS ARTES**», Revista da Academia Nacional de Belas Artes, 3.ª série, n.º 1, pp. 31-6. Lisboa, 1979.

(¹²) — Foi precisamente na reunião da mesa da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Ponte de Lima, de 11 de Julho de 1751, que «**se mandou fazer huma**

fresta, naparede pª aparte donacente tapando os boracos, qe e qe nadita parede estão pa acerca dos Rellegiozos, efey justa comOPedr.º Amaro Garrido, por quatro mil ecuto Centos Reys; eque nella sepozesse vidrasa...»

Este pedreiro António Garrido, foi também quem fez o pátio lageado do adro da Igreja dos Terceiros, e ainda outras obras.

(Arquivo da Ordem Terceira — «Livro das determinacoins de meza/1746 a 1763», fls. 99 v.º e 108 v.º).

Em 1763, foi também iniciada a construção da capela da Lapa, e suas frestas laterais.

(¹³) — «Pinheiro, nome popularmente aplicado à secular rua e bairro do mesmo nome, até ao ano passado estrada de circunvalação, e acesso à de Braga.

A notícia mais remota sobre a sua existência, data do ano 1683; a Câmara, na reunião ordinária de 22 de Dezembro, resolveu cortá-lo tal façanha, não conseguiu executar, dizendo os moradores ser a espécie arborícola «uma antiguidade da Villa».

(Arquivo Municipal de Ponte de Lima — «Livro de Vereações 1682 — 5», fls. 46 e seguintes).

(¹⁴) — «Merin», é um lugarejo situado ao fim da rua do Pinheiro (general Norton de Matos), na Vila de Ponte de Lima.

O topónimo é de certo de origem germânica; a sua via é um resto de calçada «Romano-Medieval», por onde transitavam as centúlias romanas, que de Bracara (Braga), seguiam a Tuy (Espanha).

A estrada metia depois aos «Quartéis», hoje dos Bombeiros Voluntários, junto da Torre e Porta de Braga, das antigas muralhas, e depois desembocava na ponte sobre o Lima.

Este, o singelo percurso da via dentro da sede do concelho limiano.

(¹⁵) — A Alcaldaria-Mór de Ponte de Lima, foi criada por el-rei D. Afonso V, na pessoa de D. Leonel de Lima (depois 1.º Visconde de Portugal, no título de Vila Nova de Cerveira), por carta de 20 de Abril de 1464.

O documento da nomeação em tal cargo, encontra-se lançado sob cópia dos finais do século XVIII, no (Arquivo Municipal de Ponte de Lima — «Livro das Correias, n.º 1, a fls. 418 v.º).

Sobre o assunto, vide também os «Anais Municipais de Ponte de Lima», de Miguel de Lemos, 2.ª ed. pp. 59-60. Ponte de Lima, 1977.

O lugar de Alcaide — Menor ou Pequeno, que recaía na pessoa do Carcereiro, era escolhida pelo Visconde de Vila Nova de Cerveira, que endereçava ao Município, o que mais lhe convinha.

(¹⁶) — Supomos que este Bastião Gonçalves era filho da escrava de Fernão Pereira. (Arquivo Distrital de Braga — Registos Paroquiais «Livro Misto da freguesia de Santa Maria dos Anjos», 1568-96, fls. 54 v.º).

A família «Pereiras Ferrazes», era possuidora da Quinta do Passo de Faldejeães, na freguesia de Arcozelo, do nosso concelho.

Aliou-se depois aos Malheiros, senhores da Casa da Rua do Souto, onde caiu a representação.

(¹⁷) — «Caleiro ou Caleiro», era a classificação do indivíduo que fabricava ou fazia cal. Em Ponte de Lima, existiram vários fornos, podendo ainda hoje admirar-se os restos de um no lugar de Crasto, freguesia de S. João da Ribeira, junto do rio.

(¹⁸) — O termo «carreteiro», será decerto o que hoje denominamos por «carrijão» ou «carreção» em algumas localidades.

Segundo o dicionário de Moraes, poderia também adoptar-se tal denominação ao homem que fazia «carretas», transportes de bagagens.

(¹⁹) — Segundo apontamentos avulsos que colhemos, a família «Amorim», no século XVI, residia no bairro das Pereiras, da Vila.

Contudo, ainda não foi possível averiguar quem seria esse Simão de Amorim, referido no texto.

(²⁰) — «Casereiros» com a decomposição, corresponde nos nossos dias aos «caseiros», os guardadores ou administradores das propriedades.

(²¹) — «Celeiros» deveria ser o ofício dos homens encarregados de armazenar o trigo nos respectivos «celeiros» ou «tulhas»; parte deste cereal era destinado ao nobre, como contributo (imposto) que o morador ou vizinho lhe pagava.

Dai, a existência de pessoa encarregada de ministrar tal departamento.

(²²) — A existência deste escrivão na Vila, remonta já a 1581, e talvez morador no bairro das Pereiras, o único burgo Pontelimesense que lhe refere como morada de tais apelidos.

(²³) — A porta da Ponte e respectiva torre, situava-se junto do «Café Rio Lima», a avaliar por cálculos efectuados sob plantas actuais e desenhos antigos.

Aparece também referida como «Torre dos Grilos». A Câmara resolveu a sua derrocada total na reunião de 27 de Agosto de 1857, e autorizada por Alvará do Governo Civil, passado em Viana a 5 de Novembro desse mesmo ano.

Por meio de aforamento, um indivíduo local, de nome João Rodrigues Manso, alcançou posse dela, pelo que a Câmara teve que a adquirir aos seus representantes.

(Arquivo Municipal de Ponte de Lima — «Livro de Vereações 1860-62», a fls. 39 e seguintes e fls. 60).

(²⁴) — A rua da Ponte ou «da Porta da Ponte», que comunica com a do Beato Francisco Pacheco, é um beco denominado «João Lopes», segundo as últimas obras de alteração efectuadas no Largo de Camões em 1975.

No manuscrito apenas refere (...Benevides), nome por que toda a gente na época o conhecia.

(²⁵) — Era morador na rua do Pinheiro, hoje de Norton de Matos, casado com um fulana de apelido Feijó. Seriam ascendentes do poeta e diplomata António Feijó (1859-1917), que nasceu numa modesta casa, demolida por seu irmão José Joaquim de Castro Feijó, situada na área hoje ocupada pelo parque e palacete «Villa Moraes».

O prédio talvez andasse nas mãos da família há séculos, mas o que podemos afirmar, é que tratava-se de habitação muito modesta.

(Adelino Tito de Moraes. «Em que casa nasceu António Feijó», in Almanaque de Ponte de Lima 1980, pp. 135 — Ponte de Lima, 1979).

(²⁶) — Arrabalde de S. João» ou «Arrabalde de S. João de Fóra», era a antiga rua do Arrabalde ou de Vasco da Gama.

De notar, que o dr. João de Barros na sua «Geografia de Entre Douro e Minho», escrita em 1516, já refere três arrabaldes na Vila limiana: o do Pinheiro, ou d'Além da Ponte e o de S. João, de que nos ocupamos aqui.

A diferença entre S. João de Fóra e não sómente S. João, baseia-se no seguinte: até 1863, existiu no Largo dedicado ao Santo e fim da rua de Dentro da Vila, popularmente assim crismada, a Torre de S. João. Sob a porta, existia um nicho ou capela que albergava a imagem do patrono, voltado para a rua Beato Francisco Pacheco. Daí a classificação desta em «Rua de S. João de Dentro», e a que se lhe segue «Rua de S. João de Fora».

Foi o torreão demolido em 1862, com aprovação do Governo Civil, perante o seu alvará exarado em 11 de Fevereiro desse ano. (Arquivo Municipal de Ponte de Lima — «Livro de Vereações 1860-62» a fls. 123).

A nova capela dedicada ao santo, foi levantada no sítio das Carvalheiras, consumindo-se no empreendimento pedra da torre; outra foi também aplicada no paredão da Alameda que lhe dá acesso.

(²⁷) — Este periódico intitulava-se «Semanário noticioso, científico, literário e defensor dos interesses locais». O seu primeiro número foi distribuído em 23 de Agosto de 1906. Saía às quintas-feiras, até ao n.º 82, de 7 de Março 1908. Possuem as colunas deste jornal preciosos escritos de carácter histórico e literário. Mais elementos sobre o mesmo, encontram-se nos «Anais Municipais de Ponte de Lima», de Miguel de Lemos, 1.ª ed. pp 119-20. Ponte de Lima, 1938).

Note-se ainda, que dentre os nomes que honraram as suas páginas, destacam-se: António Feijó, Conselheiro António Ferreira (dezenas de poesias sob o anagrama de «Ripado»), Dr. António de Magalhães, António Tomás Quartin, Padre António Luís Fernandes, Dr. Artur da Cunha Araújo, Padre António Luís Fernandes, Conselheiro Pinto Osório, Padre Cunha Brito, Padre Himalaia, Dr. Teófilo Carneiro, etc., etc.

No ano findo, o Sr. Dr. Pedro de Magalhães, ofereceu ao Arquivo Municipal de Ponte de Lima, largas dezenas de exemplares, para consulta dos estudiosos.

O Sr. José Pimenta também possui dois volumes encadernados da colecção, tendo-nos oferecido repetidos, que aumentaram o nosso stock.

(28) — O Dr. Filinto Elísio de Moraes, nasceu na Quinta do Bustelo, freguesia de S. Mamede de Arca, do concelho de Ponte de Lima, a 6 de Março de 1892.

Seu pai, João Francisco Rodrigues de Moraes, um dos maiores beneméritos que Ponte de Lima teve, havia regressado do Brasil em 1888, e adquiriu aquela propriedade para residência provisória, enquanto se edificava o seu Palacete «VILLA MORAES».

O Dr. Filinto licenciou-se em direito pela Universidade de Coimbra em 1923, regressando a Ponte de Lima, interessou-se pela cultura local.

A sua residência na Rua do Arrabalde, era uma CASA-MUSEU, onde se guardava as maiores preciosidades bibliográficas limianas, quadros de exímios pintores, bem como gravuras antigas e aquarelas, representando aspectos da Vila e concelho de Ponte de Lima, adornavam as paredes.

A par desse espólio, era um «gentleman», em toda a asserção da palavra; presidente do nosso Município por duas vezes, provedor da Santa Casa da Misericórdia, membro da Direcção dos Bombeiros, e outras associações Pontelimenses.

Foi também presidente da Direcção da extinta Assembleia Limarense, cujo cargo ocupou com a maior honestidade e carácter.

Falecido em 29 de Janeiro de 1960, por burocracias camarárias (?) os seus herdeiros, despojaram todos os seus bens aos quatro ventos!...

(29) — O catálogo do leilão da sua livraria (depois de escolhida pelo conhecido banqueiro Cupertino de Miranda) é o seguinte:

— «CATÁLOGO da magnífica biblioteca que pertenceu a um ilustre bibliófilo de Ponte de Lima, composta por mais de 2.000 obras antigas e modernas, sobre **Literatura, Arte, Arqueologia, Heráldica, Genealogia, Bibliografia**, etc., e onde avulta uma valiosa e numerosa colecção de livros, folhetos, revistas e jornais relativos à região da Ribeira Lima. Porto, 1963.

Trata-se do leilão n.º 8, da Agência «Soares & Mendonça, L.da».

O «Almanach do Lima», encontra-se descrito sob o lote n.º 36, pp. 4.

(30) — **Alfredo Augusto Bacelar Botelho Mâncio**, nasceu na freguesia de Ganfe, concelho de Valença, aos 8 de Agosto de 1868.

Dentre os jornais de caricaturas por ele dirigidos, destacamos:

— «**O Phantasma**» — Periódico publicado em Ponte de Lima. O n.º 1 é de Junho de 1892, e foi composto na parte artística na «Litografia Portuguesa», de Sousa Nogueira, no Porto, decerto o autor de muitos retratos a lápis que adornam as primeiras páginas de alguns exemplares.

Terminou com o n.º 21, de 20 de Setembro de 1901, este composto na imprensa Moderna de Viana do Castelo. Dentre os colaboradores, merecem especial referência: Severino de Faria, Augusto Forte Gato, Abílio Maia (Valença), Miguel de Lemos.

A única colecção completa de que temos notícia, pertence ao sr. José Pimenta; a nossa, embora que incompleta, foi obtido por meio de troca de outras obras, com esse amigo.

— «**O Monoculo**», n.º 1 (e único publicado). Ponte de Lima, 24 de Junho de 1896. Foram colaboradores: Alfredo de Pratt, Júlio de Lemos e Luís Trigueiros.

Nomeado escrivão — notário nesta Vila, aqui permaneceu até à morte, na véspera de Natal de 1905.

(31) — Deste excelente poeta limiano, possuímos uma compilação de poesias suas, dadas a lume em jornais de Ponte de Lima como: «**O Comercio do Lima**», 2.ª série; «**Cardeal Saraiva**»; «**O Lima**»; «**O Phantasma**»; «**Almanaques de Ponte de Lima**», etc.

Poetava com uma facilidade total, e num simples pedaço de papel esboçava umas quadras.

(32) — Dentre outros escritos sobre o assunto vide:

«**Portugaliae Monumenta Historica, Leges et Consuetudines**», pp. 365-6.

FRANKLIN, Francisco Nunes — «**Memória para servir de índice dos Foraes das terras do Reino de Portugal e seus domínios**: Por... Lisboa, 1825 (Há duas edições).

REIS, António P. Matos — «**Fundação de Ponte de Lima. O Foral de D. Teresa**. Ponte de Lima, 1976.

(33) — Foi neste ano que concluiu os seus «**Estudos para os Anais Municipais de Ponte de Lima**», que só viriam a ser publicados em 1938, por seu neto Júlio de Lemos, na presidência Municipal do sr. Coronel Alberto de Sousa Machado.

A leitura que o grande paleógrafo vianês executou, encontra-se na segunda edição dos «Anais Municipais...», pp. 27-8. Ponte de Lima, 1977.

(²⁴) — Dentre a bibliografia sobre o Mosteiro, citamos:

SANTA MARIA, P. D. Nicolau de — «Chronica dos Cónegos de Santo Agostinho... Coimbra, 1668.

NORTON, Thomaz Mendes — «Études sur les Oeuvres d'Art de Raphael Sanzio d'Urbino au Monastère de Refojos do Lima. Lisbonne, 1888.

CALHEIROS, Araújo, Padre — «Refojos através dos tempos», in Almanaque de Ponte de Lima 1910, pp. 175-83. Ponte de Lima, 1909.

———, — «D. Frei Bartolomeu dos Mártires no mosteiro de Refojos», in Almanaque de Ponte de Lima 1933, pp. 219-22. Ponte de Lima, 1933.

———, — «Mosteiro de Refojos», in Almanaque illustrado d'«O Comercio do Lima 1909», pp. 177-81.

GUERRA, Figueiredo da — «A Inscrição tumular do convento de Refojos», in Almanaque de Ponte de Lima 1924, pp. 149.

(²⁵) — LEMOS, Miguel de — «Apontamentos para as Memórias das Antiguidades de Ponte de Lima à face do Arquivo Municipal», pp. 206. Ponte de Lima, 1873.

Manuscrito inédito, de que possuímos cópia heliográfica do exemplar que pertenceu ao dr. Filinto de Moraes, com desenhos à pena de Justino Vaz Valente (Justoninho).

(²⁶) — Arquivo Municipal de Ponte de Lima — «Livro de Vereações 1825 — 34», a fls. 200.

(²⁷) — Segundo informações que apuramos, o presente manuscrito não existe (original) no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, para onde transitou o cartório de Refojos do Lima, pela mão de Alexandre Herculano.

Com anotações a lápis, referente ao assunto «quadros» que Tomás Norton pretendia atribuir ao exímio punho de Rafael (!), supomos que o alfarrábio pertenceu a esse comendador, e seria o exemplar que ficou na antiga casa conventual dos cruzados.

(²⁸) — «Guimarães», era o termo que se usava para classificar tecidos estampados em linho, de boa categoria, em terras viamaranenses.

Hoje em dia nas nossas feiras, apenas ouvimos proferir «linhos de S. Paio de Merelin», freguesia do concelho de Braga, ou de Prado.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

MANUSCRITOS

ARQUIVO MUNICIPAL DE PONTE DE LIMA

(Torre da Cadeia Velha)

«Livro de Vereações» 1682 — 85.

«Livro de Vereações» 1745 — 49.

«Livro de Vereações» 1860 — 62.

«Livro de Vereações» 1896 — 98.

«Livro de Vereações» 1953 — 5.

«Livro das Correias [Registos] n.º 1.

ARQUIVO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE PONTE DE LIMA

«Livro das pessoas q sta Santa/Caza da Mia daVilla/de Pontedo-Lyma sepultou/comessa em dia da vezitação/de622...»

ARQUIVO DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO (Ponte de Lima)

(Hoje do Instituto Limiano — Museu dos Terceiros)

«Livro/das dleterminacoins da meza/1746 a 1763».

ARQUIVO PARTICULAR DE ADELINO TITO DE MORAIS

«Sobre o dr. Filinto de Moraes».

«RELAÇÃO DOS BENS ALOdiaes do Extinto Mosteiro de Santa Maria de Refoios do Lima, com designação dos nomes, sua situação, medição, e atombação, estrahida à face do tombo, emais livros do Cartorio deste Mosteiro». Ponte de Lima, 1834 — 6.

«Apontamentos para as Memórias das Antiguidades de Ponte de Lima», por Miguel Roque dos Reys Lemos. Ponte do Lima, 1873.

ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA — (Registo Paroquiais).

«Livro Misto da freguesia de Santa Maria dos Anjos» — (Ponte de Lima) de 1568 — 96.

OBRAS IMPRESSAS

ALMANACH *do Lima para 1891*. Ponte de Lima, 1891.

AURORA, Conde d' — *Roteiro da Ribeira Lima*. 1.^a, 2.^a e 3.^a edição. Ponte de Lima, 1929, 1939 e 1959.

CASTELO-BRANCO, Fernando — *Subsídios para o Estudo da Casa Portuguesa — O uso de Vidraças nos séculos XVI e XVII*, in *BELAS ARTES*, Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes, 3.^a série, n.º 1, pp. 31 — 6. Lisboa, 1979.

COMMERCIO DO LIMA, O — Ponte do Lima. Anno I — n.º 1, Dezembro de 1875 ao anno 6.º — n.º 292, de Julho de 1881 (último publicado).

COSTA, P. Antonio Carvalho da — *COROGRAFIA PORTUGUEZA, e descrepçam topografia do famoso Reino de Portugal, com as Notícias das fundações das Cidades Villas & Lugares, que contem; Varões illustres, Genealogias das Familias Nobres, fundações de Conventos, Catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Volume I. Lisboa, 1706.

FRANKLIIM, Francisco Nunes — *Memoria para servir de Indice dos Foraes das terras do Reino de Portugal, e seus dominios*: Por... Lisboa, 1825.

CATALOGO *da magnífica biblioteca que pertenceu a um ilustre bibliófilo de Ponte de Lima, composta por mais de 2000 obras antigas e modernas, sobre literatura, história, arte, arqueologia, heráldica, genea-*

logia, bibliografia, etc., e onde avulta uma valiosa e numerosa colecção de livros, revistas e jornais relativos à região da Ribeira Lima. (leilão n.º 8, da agência «Soares & Mendonça»). Porto, 1963.

LEAL, Augusto Soares Barbosa d'Azevedo Pinho — *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico*, ...volume 8. Lisboa, 187.

LEMOS, Miguel de — *Anais Municipais de Ponte de Lima*. 1.ª edição. Ponte de Lima, 1938; 2.ª edição, Ponte de Lima, 1977.

MORAIS, Adelino Tito de — *Os azulejos da Quinta do Bustelinho*, in LIMIADA, rodapé d'«O Povo do Lima», n.º 8. Ponte de Lima, Fevereiro de 1981.

——— *As Ruas da Vila*. Ponte de Lima, 1981.

NORTON, Tomás Mendes — *Études Oeuvres les d'art de Rephael Sanzio d'Urbino, au Monastera de Refojos do Lima*. Lisbonne, 1888.

PHANTASMA, O — (Periódico de caricaturas locais). *Ponte de Lima* 1892 — 901. Director: Alfredo Mâncio.

PORTUGALIAE MONVMENTA HISTORICA... *Leges et Consuetudines*. Volzmen I. Olissipone, Typis Academicis, MDCCCLXVIII.

REIS, António Pais Matos dos — *Fundação de Ponte*. Ponte de Lima, 1976.

SILVA, António de Moraes — *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa, 1785.

